RELATÓRIO GERENCIAL **AGO|2025**

SNAG11
SUNO AGRO - FIAGRO IMOBILIÁRIO

CNPJ

28.152.777/0001-90

INÍCIO DO FUNDO

JULHO/2022

ADMINISTRADOR

SINGULARE CORRETORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A.

PÚBLICO-ALVO

INVESTIDORES EM GERAL

GESTOR

SUNO GESTORA DE RECURSOS LTDA

TAXA DE ADMINISTRAÇÃO

0,07% A.A.

TAXA DE GESTÃO

0,80% A.A

TAXA DE PERFORMANCE

N/A

SUNO AGRO | FIAGRO IMOBILIÁRIO

O Suno Agro - Fiagro Imobiliário é um fundo com objetivo de investir de modo amplo nas cadeias do Agronegócio, explorando tanto atividades de natureza imobiliária como aquelas relacionadas à produção do setor. O fundo tem gestão ativa para busca de oportunidades e alocação da carteira, com foco no pagamento de rendimentos mensais aos cotistas.

SUMÁRIO

SUMÁRIO 2

BULLET POINTS 3

DESTAQUES DO MÊS 3

CENÁRIO MACROECONÔMICO 3

CARTA DO GESTOR 5

PERFORMANCE/DESEMPENHO 19

RESULTADO 22

ALOCAÇÕES E MOVIMENTAÇÕES 24

AVALIAÇÃO DE RISCO DE CRÉDITO E ESG 28

ASSEMBLEIAS E COMUNICADOS DOS ATIVOS 27

DETALHAMENTO DOS ATIVOS 29

BULLET POINTS

R$ 0,12 Distribuição por cota	**R$ 0,150** Lucro acumulado por cota	**16,04%** *Dividend Yield* Anualizado
17,52% *Yield* All In da Carteira	**R$ 9,62** Cota Fechamento de Mercado	**R$ 10,32** Cota Patrimonial
114.436 Número de cotistas	**R$ 626,59 MM** Patrimônio Líquido	**R$ 584,32 MM** Valor de Mercado
0,93 P/VP	**CDI + 2,52%** Remuneração da Carteira	**0,00%** Inadimplência

DESTAQUES DO MÊS

Em agosto, a carteira do fundo manteve-se **totalmente saudável**, com todos os ativos adimplentes e **sem indicar riscos relevantes no curto prazo**.

Alcançamos um novo patamar de distribuição**, passando para R$ 0,12 por cota**, o que **corresponde a um dividend yield anualizado de 16,04%,** movimento natural diante do aumento da Selic nos últimos meses e da posição de reservas confortáveis para sustentar esse nível mínimo de distribuição nos próximos meses.

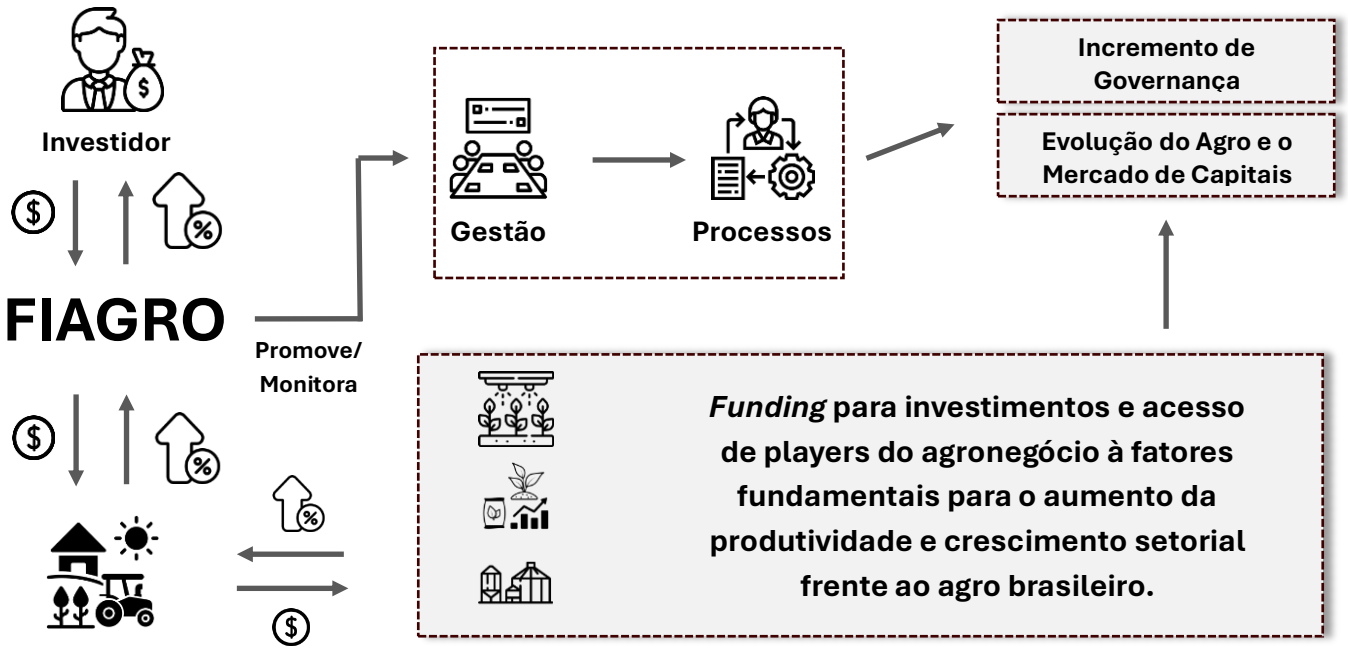
Realizamos a **venda de mais R$ 11,7 milhões do CRA Boa Safra,** em um movimento que visa ampliar a liquidez do fundo e viabilizar a busca de novos ativos para diversificação de portfólio.

O tema da carta de gestão deste mês aborda o momento do crédito rural no país, marcado pela crescente inadimplência setorial, e destaca como a Suno Asset tem se destacado **ao assegurar 100% de adimplência tanto em créditos corporativos quanto em operações pulverizadas**, reforçando a importância do rigor na seleção dos devedores.

TESE DE INVESTIMENTOS

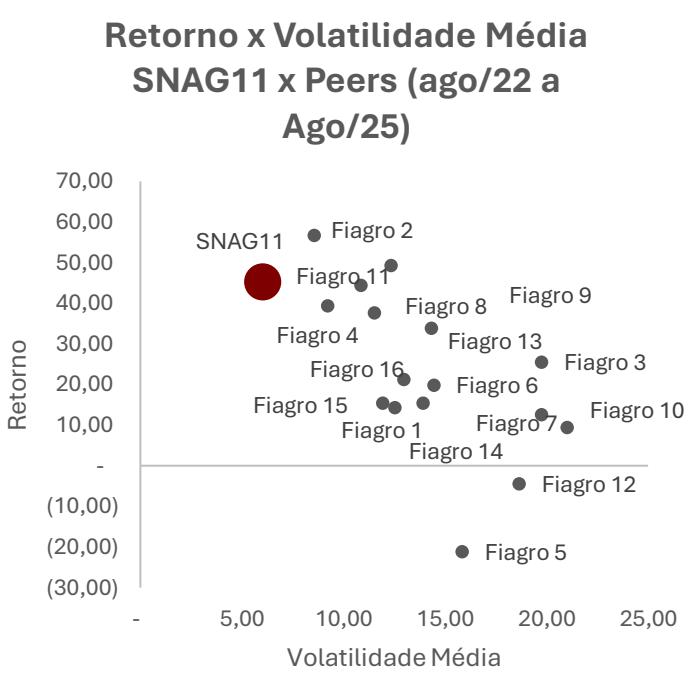
O SNAG11, **como um dos primeiros FIAGROs híbridos da indústria**, foi desenhado para financiar um dos principais motores da economia brasileira, com **estruturas e produtos que alinhassem retorno e segurança ao cotista.** Com isso, o fundo se consolida como uma das opções mais resilientes da indústria, **com performance histórica acima de seu principal benchmark, IPCA + 7%.** O fundo oferece ao investidor a oportunidade de **alocar parte de seu patrimônio em uma carteira diversificada e gerida ativamente** para buscar **oportunidades de alocação com rendimentos mensais previsíveis e pouco voláteis**, com um dos menores custos da indústria.

Ciclo de Investimentos do SNAG11 e sua atuação dentro do Agronegócio



Processo de investimentos

Foco na maximização de retorno ao cotista



CENÁRIO MACROECONÔMICO

Entre cortes futuros e credibilidade presente: os dilemas de Fed e Banco Central do Brasil

"Um dos episódios mais graves, nesse período [2010-2011], ocorreu no campo da política monetária. (...) Para surpresa de todos, no entanto, na reunião seguinte, quando o mercado financeiro julgava que o que se seguiria seria uma nova elevação ou, no máximo, uma pausa, o Banco central [do Brasil] reduziu a taxa de juros em 25 pontos-base e anunciou que novas reduções se seguiriam. (...) Infelizmente, acobertado por uma ferramenta que supostamente seria "científica" [modelos econométricos estimados na época], o Banco Central cedeu aos desejos da presidente da República [Dilma Rousseff], com um custo sobre a sua credibilidade no compromisso com a meta de inflação."
(Affonso Celso Pastore, Caminhos e descaminhos da estabilização)

Cenário Internacional

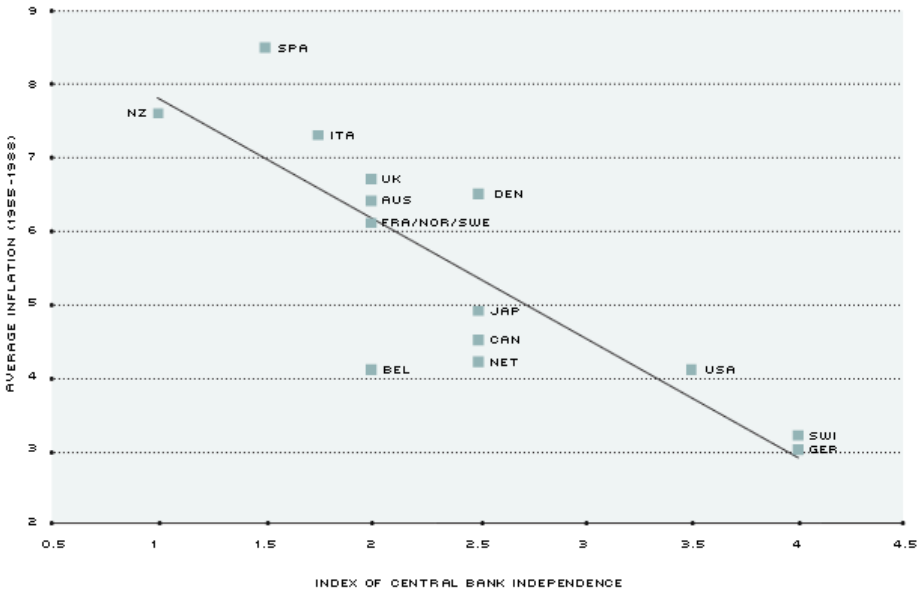
A reflexão do ex-presidente do Banco Central (BC), Affonso Celso Pastore, sobre um episódio recente no Brasil, serve como alerta para os riscos que agora rodam os Estados Unidos. No final de agosto, o atual presidente, Donald Trump, anunciou a demissão da diretora do Federal Reserve, Lisa Cook. Cook afirmou que se mantém no cargo e o caso irá à Justiça.

A medida não representa apenas uma disputa entre Executivo e Fed, mas reacende a discussão sobre a autonomia do banco central, tema já presente quando, meses atrás, também se cogitou a substituição antecipada do atual presidente Jerome Powell durante o seu mandato.

A importância desse debate não é apenas institucional, mas também macroeconômica. A literatura econômica, em especial o artigo de Alesina e Summers (1993), mostra que há uma relação negativa entre independência de bancos centrais e inflação média: países com maior autonomia, como Suíça, Alemanha e Estados Unidos, historicamente registraram taxas inflacionárias mais baixas, enquanto economias com menor grau de independência apresentaram inflação mais elevada – vide o gráfico abaixo.

Outros fatores também tiveram peso no período, como o compromisso com a estabilidade de preços, os ganhos de produtividade, o aumento da concorrência e a maior integração do mercado de trabalho e do comércio com a globalização. Ainda assim, a independência dos bancos centrais foi, sem dúvida, um dos principais elementos para garantir a estabilidade inflacionária ao longo das últimas décadas.

Independência dos Bancos Centrais vs Inflação Média



Fonte: Fed de St. Louis

Preservar a autonomia do Fed, portanto, é um pilar para a manutenção da credibilidade e da estabilidade de preços no longo prazo.

O Nobel em economia, Paul Krugman, destacou recentemente que episódios como a tentativa de demissão de Lisa Cook representam riscos não apenas para o Fed, mas também para a confiança no funcionamento técnico e profissional de toda a estrutura do governo. A mensagem reforça a ideia de que o desgaste institucional pode se refletir em maior incerteza econômica e perda de previsibilidade nas decisões de política monetária.

Caso a Suprema Corte valide a decisão de Trump, aumenta o risco de maior influência do Executivo sobre o colegiado do Fed, já que o Trump passaria a contar com a maioria de diretores de sua indicação. Essa configuração poderia afetar decisões ligadas ao orçamento, ao quadro de pessoal e até a permanência dos 12 presidentes dos Feds regionais. Um arranjo desse tipo reduziria a independência da autoridade monetária, ampliando a volatilidade nos mercados e elevando o prêmio

de risco de longo prazo, como já se observou recentemente com a abertura da curva da parte longa das Treasuries norte-americanas e o enfraquecimento do dólar.

Apesar dessas preocupações, é importante lembrar que o Fed dispõe de proteções institucionais relevantes. Criado em 1913 como órgão independente, seus diretores e presidente só podem ser removidos por "justa causa", conceito que permanece indefinido, mas que oferece uma barreira legal contra interferências arbitrárias. Essa autonomia foi reforçada em 1935, quando a Suprema Corte estabeleceu que membros de agências reguladoras não poderiam ser demitidos por discordâncias políticas, decisão que consolidou a separação entre Executivo e órgãos técnicos.

Em mai/25, a própria Suprema Corte reforçou que os membros do Conselho do Fed e do FOMC possuem salvaguardas contra demissões sem justa causa. Ainda assim, o fato de o caso ter sido judicializado mantém abertas as incertezas sobre o futuro da instituição e torna difícil mensurar, neste momento, qual poderia ser a magnitude do impacto sobre os mercados.

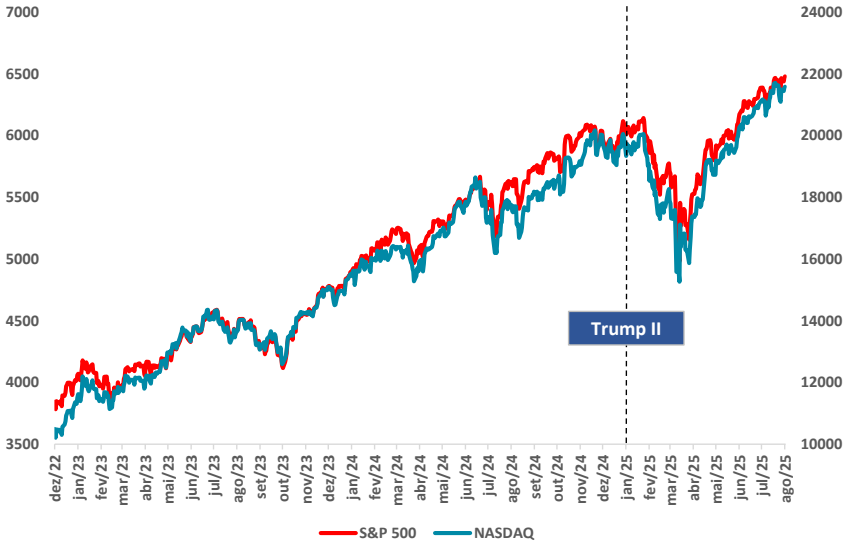
A incerteza permanece até 2026, quando caberá a Trump a escolha do próximo presidente do Fed e se haverá, de fato, algum grau de interferência na condução da política monetária.

Esse debate institucional ocorre em paralelo a um otimismo dos investidores em relação à possíveis cortes de juros nos Estados Unidos em set/25.

No mês passado, as apostas do mercado em relação à queda de juros ganharam força após declarações mais brandas (dovish) de Powell. Ele destacou que, com a política em território restritivo, a evolução do cenário básico e o novo equilíbrio de riscos podem justificar ajustes na postura do banco central.

A combinação entre a expectativa de cortes de juros, bons resultados corporativos — sobretudo das big techs — e de indicadores que reduziram a probabilidade de recessão, levou os principais índices acionários dos EUA a renovarem máximas históricas em agosto, como mostra a figura a seguir.

Desempenho do S&P500 e Nasdaq

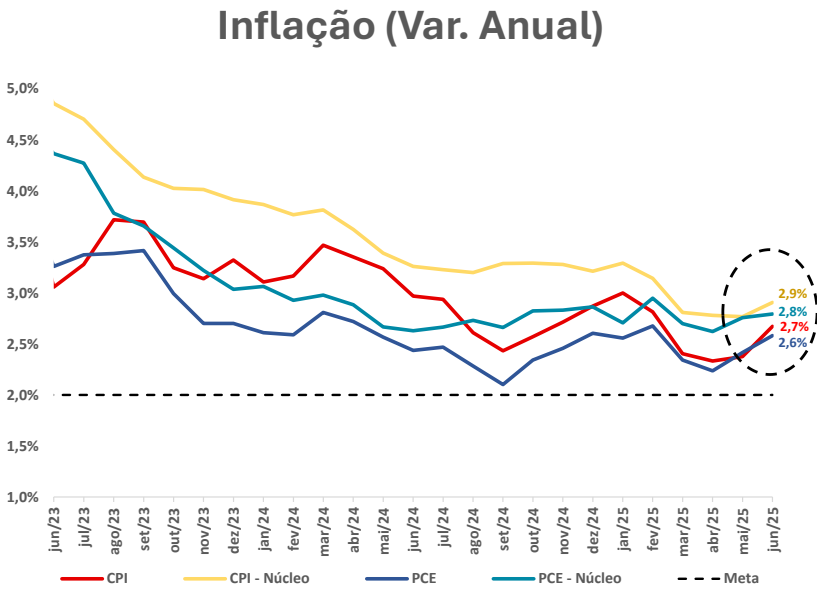


Fonte: Refinitiv / Elaboração: Suno Asset

Em nosso cenário, passamos a considerar corte na taxa de juros de 0,25 p.p. em setembro. A depender da evolução do cenário, uma nova queda poderá ocorrer no quarto trimestre de 2025. No entanto, a implementação das novas tarifas de importação limita o espaço para um ciclo mais agressivo de quedas, já que essas medidas tendem a pressionar a inflação.

A boa notícia é que, uma vez iniciado o ciclo de afrouxamento monetário, a bolsa brasileira tende a se beneficiar do maior apetite ao risco dos investidores estrangeiros.

O desafio, contudo, é que a inflação permanece próxima de 3,0% no acumulado em 12 meses — cerca de 50% acima da meta de 2,0% —, como podemos observar no gráfico abaixo. Nos próximos meses, os índices devem refletir com maior intensidade os efeitos das tarifas. Ao mesmo tempo, os últimos dados de mercado de trabalho reforçaram um enfraquecimento do segmento.



Fonte: BLS / Elaboração: Suno Research

O dilema do Fed é equilibrar o risco de reduzir os juros cedo demais, estimulando a economia antes de garantir a convergência da inflação, com o de esperar mais tempo para avaliar a trajetória inflacionária e, nesse intervalo, intensificar uma desaceleração maior da atividade.

Nesse ambiente e pelas últimas declarações de diretores do Fomc, a reunião de setembro deve revelar novamente divergências no colegiado. Enquanto alguns podem defender cortes imediatos, outros devem preferir apenas sinalizar a possibilidade de ajuste mais à frente.

O problema é que ruídos de comunicação ampliam a volatilidade nos mercados, dificultam a ancoragem das expectativas e tornam mais custosa a calibragem da política monetária. A literatura econômica destaca que, para um banco central, transmitir o plano de voo com clareza e coesão é fundamental para preservar sua credibilidade, assegurar a eficácia da política e impedir que a incerteza institucional — como a discutida no início deste texto — se some às pressões existentes sobre a economia.

Brasil

No Brasil, os efeitos das tarifas impostas pelos EUA foram atenuados pelo programa de contingência do governo, que envolveu R$ 30 bilhões em crédito para exportadores que dependem do mercado norte-americano. Essas medidas devem limitar a perda de ritmo de crescimento do PIB em até 0,1 p.p.

No entanto, parte dos recursos — cerca de R$ 9,5 bilhões — foi retirada da meta fiscal, o que fragiliza o arcabouço e reduz a credibilidade fiscal.

No front econômico, a taxa de câmbio real-dólar voltou a se destacar em agosto, acompanhando a trajetória de enfraquecimento global do dólar, cujo índice DXY recuou quase 10% no ano. Além do maior apetite ao risco diante da expectativa de cortes de juros nos Estados Unidos, fatores domésticos também reforçaram a atratividade da moeda brasileira: o elevado diferencial de juros, a bolsa ainda segue barata em dólares e o impacto limitado das tarifas norte-americanas, suavizado pela lista de exceções.

Esses elementos favoreceram a entrada de capital estrangeiro e levaram o câmbio a níveis abaixo de R$ 5,40. Para o final de 2025, estimamos um dólar a R$ 5,65.

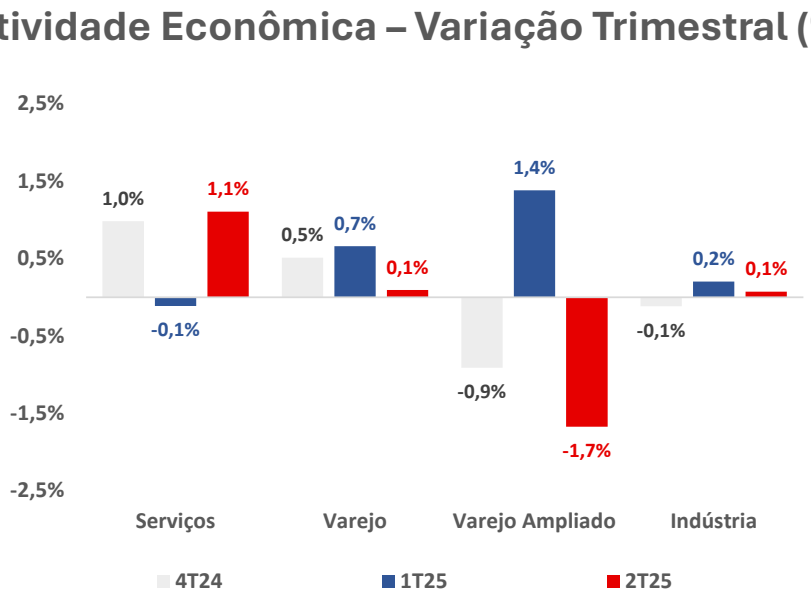
Apesar do cenário benigno no curto prazo, alguns riscos permanecem. A fragilidade fiscal doméstica, o início do ciclo eleitoral em 2026, a possibilidade de estabilidade prolongada nos preços das commodities, as incertezas em torno da política fiscal norte-americana e riscos geopolíticos podem reverter parte da valorização recente, mantendo a taxa de câmbio exposta a episódios de volatilidade.

Na frente fiscal brasileira, dois pontos se destacam:

- Orçamento de 2026 manteve a meta de superávit primário de 0,25% do PIB. Embora essa projeção aponte, em tese, para a continuidade do ajuste, há grande preocupação quanto à sua consistência. As receitas seguem superestimadas, embutindo medidas que ainda dependem do Congresso, algumas com alta probabilidade de frustração, enquanto as despesas parecem subestimadas. É provável que o governo dê maior realismo ao Orçamento ao longo dos relatórios bimestrais do ano que vem e, eventualmente, pode até rever a própria meta de 2026, gerando volatilidade.

- As incertezas em torno da reforma do Imposto de Renda, que amplia a faixa de isenção, diante de possíveis mudanças nas compensações para garantir neutralidade fiscal. O debate sobre como equilibrar renúncia de receita e novas fontes de arrecadação será central no Congresso e tende a influenciar de forma decisiva a percepção de risco fiscal no curto prazo.

Em relação à atividade econômica, os sinais de desaceleração ficaram mais evidentes no segundo trimestre, como podemos observar nos indicadores no gráfico a seguir.



Fonte: IBGE / Elaboração: Suno Asset

O IBC-Br recuou 0,1% em junho, acumulando alta de apenas 0,3% no trimestre ante ao primeiro. O resultado reflete a perda de dinamismo do agro, que havia impulsionado o crescimento no início de 2025, e o enfraquecimento da indústria, pressionada pelos juros elevados e pelo crédito mais caro. A recente perda de tração do varejo e do serviço também confirmam esse movimento: além de uma acomodação natural após o início de ano mais aquecido, os setores têm sentido os efeitos do aperto monetário, das restrições de crédito e do elevado endividamento das famílias.

Ainda assim, a resiliência do mercado de trabalho, os estímulos do governo, o pagamento de precatórios em julho deve mitigar parte dos impactos negativos sobre o consumo e a renda no segundo semestre. A expectativa é de que estes segmentos mantenham certo crescimento, mas em ritmo mais lento, à medida que a desaceleração da economia se torne mais disseminada. Nesse cenário, projetamos um crescimento de 2,3% para 2025.

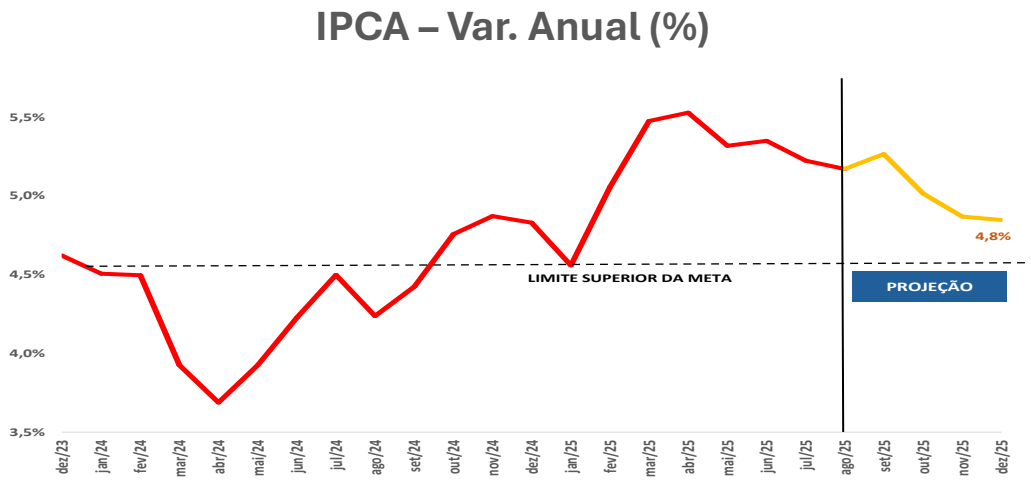
O arrefecimento, ainda que gradual e heterogêneo, tem relevância para a política monetária: a perda de tração da atividade contribui para o hiato do produto se tornar negativo e reforça as condições para que a inflação caminhe em direção à meta nos próximos anos, ou seja, a dinâmica da economia é positiva para o Banco Central.

Em relação à inflação, o IPCA-15 de agosto recuou 0,14%, registrando a primeira deflação desde julho de 2023 e o menor resultado desde setembro de 2022. Com isso, a taxa em 12 meses desacelerou de 5,30% para 4,95%.

O resultado foi influenciado principalmente pelos preços administrados, que caíram 0,61%, com destaque para o grupo Habitação, impactado pelo Bônus de Itaipu, que reduziu as contas de energia e compensou a cobrança da bandeira vermelha 2. Alimentação e bebidas também contribuíram, com a terceira queda consecutiva, puxada por preços de alimentos, enquanto Transportes recuou em função da redução das passagens aéreas e da gasolina.

Apesar do alívio, algumas métricas subjacentes apresentaram deterioração na margem. Serviços intensivos em mão de obra, serviços subjacentes, núcleos de inflação e o índice de difusão aceleraram entre julho e agosto, permanecendo em patamares incompatíveis com a meta de 3% e reforçando a preocupação da autoridade monetária. Esse quadro decorre da resiliência do mercado de trabalho, que segue aquecido, com desemprego em mínimas históricas e massa de rendimentos em nível recorde. Projetamos que a taxa de desemprego encerre 2025 entre 5,5% e 6,0%, mantendo a inflação de serviços próxima a 6,0%.

Ainda assim, a tendência geral é de um cenário mais benigno em comparação ao início do ano. A desaceleração recente da inflação resulta da valorização cambial, da estabilidade nos preços das commodities, da queda nos alimentos e da redução dos custos de produção. Em nosso cenário base, projetamos um IPCA de 4,8% e 4,4% para este e o próximo ano, respectivamente – conforme o gráfico abaixo.



Fonte: IBGE / Elaboração: Suno Asset

Outra boa notícia para o Banco Central é que as expectativas de inflação captadas pelo Boletim Focus vêm mostrando avanço contínuo nas últimas semanas, com revisões consecutivas para baixo para 2025, 2026 e 2027.

Essa trajetória reflete o efeito da política de juros elevados e reforça a percepção de que o processo de desinflação está ganhando tração. Embora as projeções ainda estejam acima da meta, a continuidade dessa tendência até o fim do ano reduziria a desancoragem e criaria condições mais favoráveis para que a autoridade monetária avalie, com maior segurança, o início de um ciclo de cortes na Selic.

Para o BC, a flexibilização da política depende da combinação de três fatores: expectativas mais bem ancoradas, hiato do produto negativo e desaceleração consistente das medidas de inflação. Até que todos os elementos estejam presentes, a Selic deve permanecer em 15,0% a.a., provavelmente até o primeiro trimestre de 2026.

A economia brasileira entra na segunda metade do ano em um cenário de transição: moderação da atividade, queda da inflação, com expectativas em processo de melhora. Para o Banco Central, o desafio será equilibrar o ganho de credibilidade com o momento adequado de iniciar a flexibilização da política monetária.

Os próximos meses serão decisivos tanto para o Fed quanto para o BC, à medida que dados de atividade, inflação e expectativas definirão o ritmo das próximos decisões.

A perspectiva de corte de juros em 2026 pode atuar como um fator positivo para o mercado acionário doméstico, funcionando como um segundo gatilho de valorização, em conjunto com a esperada queda de juros nos Estados Unidos. Nesse contexto, a preservação da credibilidade institucional seguirá como o principal ativo para orientar expectativas e sustentar a confiança dos mercados.

Segue abaixo a tabela das nossas estimativas. Caso necessário, faremos novas revisões das nossas projeções.

Projeções

Projeções Suno	2023	2024	2025	2026
PIB (var % a.a. real em volume)	3,2%	3,4%	2,3%	1,8%
IPCA (%, a/a, fim de período)	4,62%	4,40%	4,8%	4,4%
Taxa Selic (%, fim de período)	11,75%	12,25%	15,00%	13,00%
Taxa de Câmbio (R$/US$, fim de período)	4,85	6,19	5,65	5,80
Resultado Primário do Governo Central (% PIB) - meta	-2,3%	-0,1%	-0,25%	-0,3%
Resultado Primário do Governo Central (% PIB)	-2,3%	-0,4%	-0,6%	-0,7%
Dívida Bruta - DBGG (% PIB)	74,3%	76,1%	78,9%	83,0%
Balança comercial (US$ bilhões)	98,8	74,55	60,3	70,0

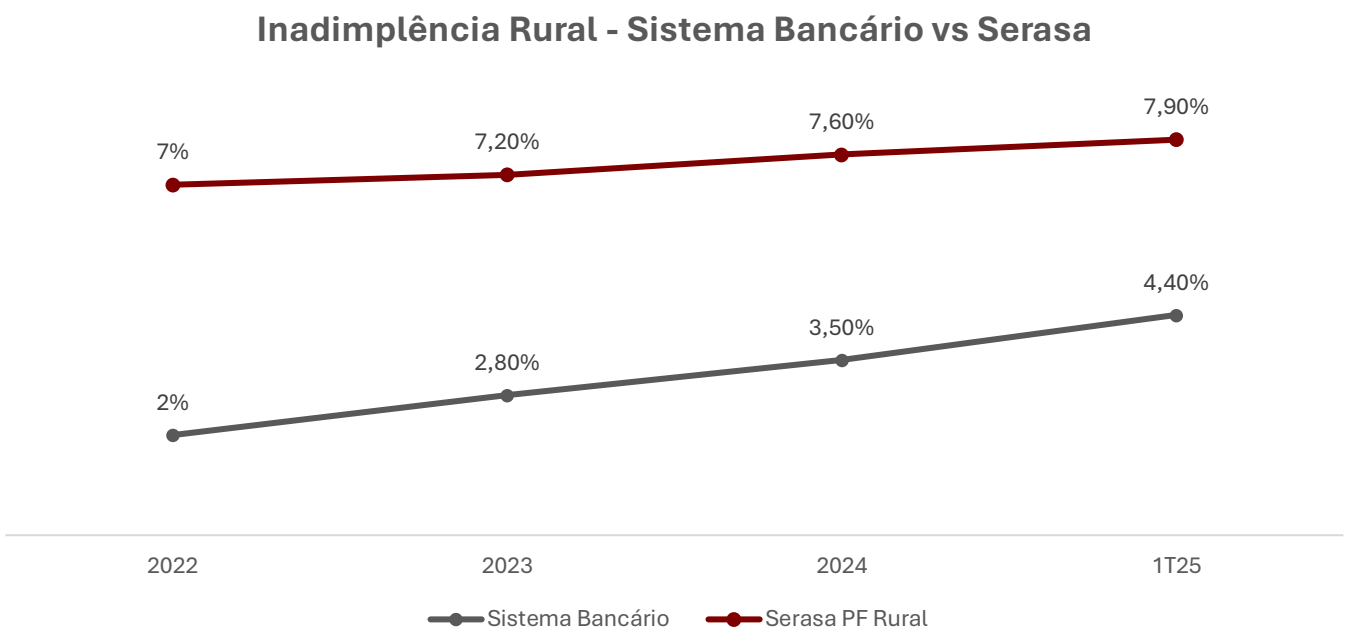
Fonte: IBGE, Banco Central e ComexStat / Elaboração: Suno Asset

Gustavo Sung | **Economista-Chefe**

CARTA DO GESTOR

Caro investidor,

O agronegócio brasileiro atravessa um momento de inflexão significativo no mercado de crédito rural, caracterizado pela deterioração acelerada dos indicadores de inadimplência e crescentes desafios macroeconômicos. A inadimplência no sistema bancário tradicional praticamente duplicou nos últimos três anos, saltando de 2% em 2022 para 4,4% no primeiro trimestre de 2025. Quando analisados os dados da Serasa Experian específicos para produtores rurais pessoa física, o cenário é ainda mais preocupante, com inadimplência atingindo 7,9% no primeiro trimestre de 2025, evidenciando uma deterioração estrutural da capacidade de pagamento do setor que transcende flutuações conjunturais.

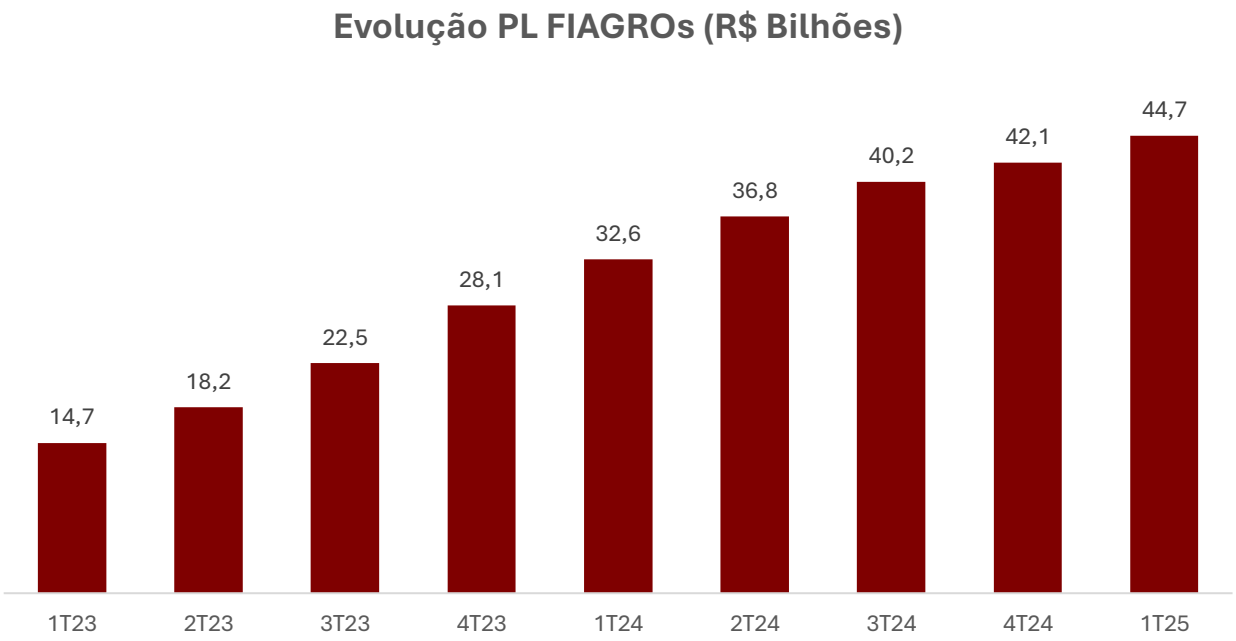


Fonte: BCB e Serasa Experian

Este contexto adverso é amplificado pelo ambiente macroeconômico restritivo, com a taxa Selic elevada aos atuais 15%, impactando diretamente o custo de capital para o agronegócio. O Plano Safra 2025/2026, embora tenha destinado R$ 516,2 bilhões para a agricultura empresarial, apresenta taxas de juros substancialmente mais onerosas em relação aos anos anteriores, com algumas linhas de financiamento atingindo 13,5% ao ano. Esta dinâmica cria um ambiente desafiador onde produtores enfrentam simultaneamente custos elevados de insumos, volatilidade nos preços das commodities e maior onerosidade do crédito, pressionando margens operacionais e capacidade de pagamento.

A análise geográfica da inadimplência revela disparidades regionais significativas que evidenciam a importância de uma seleção criteriosa de devedores. Os estados do Centro-Oeste apresentam índices relevantes de inadimplência, com Goiás registrando 9,2%, Mato Grosso 9,5% e Mato Grosso do Sul 8,8%. Já os estados da região Sul mantêm os menores índices de inadimplência, com Rio Grande do Sul registrando 4,8%, Paraná 5,7% e Santa Catarina 6,0%. Esta heterogeneidade reflete diferenças estruturais em termos de acesso a seguros rurais, diversificação produtiva, infraestrutura logística e capacidade técnica de gestão. A região Sul beneficia-se de maior penetração do seguro rural e sistemas cooperativos mais consolidados, fatores que contribuem para menor exposição a riscos climáticos e maior resiliência financeira.

O mercado de capitais permanece com participação ainda tímida no financiamento do agronegócio brasileiro, apesar do crescimento exponencial observado nos últimos anos. Os Fundos de Investimento nas Cadeias Produtivas Agroindustriais (FIAGROs) experimentaram expansão notável, com patrimônio líquido evoluindo de R$ 14,7 bilhões em março de 2023 para R$ 44,7 bilhões em março de 2025, representando crescimento de 204%. Esta trajetória demonstra o amadurecimento da classe de ativos e crescente interesse de investidores institucionais por exposição ao agronegócio através do mercado de capitais.



Fonte: CVM

Contudo, essa evolução ainda é insuficiente para suprir as necessidades de financiamento do setor. O agronegócio representa aproximadamente 25% do PIB nacional, mas apenas 3,5% da movimentação

no mercado de capitais, evidenciando o substancial potencial de crescimento dessa fonte alternativa de recursos. A limitação crescente dos recursos públicos e a trajetória ascendente da taxa Selic tornam imperativa a diversificação das fontes de financiamento, posicionando o mercado de capitais como alternativa estratégica para o desenvolvimento sustentável do setor.

Neste cenário adverso, a gestão da Suno Asset tem se destacado pela capacidade de manter uma carteira de crédito com histórico impecável de performance. O SNAG11 mantém 100% de seus recebimentos em dia há mais de três anos de operação, contrastando significativamente com a deterioração generalizada observada em diversos players no mercado. Além dos créditos corporativos estruturados estarem integralmente adimplentes, a carteira pulverizada do fundo apresentou revolvências completas e 100% de adimplência, demonstrando que a metodologia de seleção e monitoramento de devedores é fundamental para mitigar riscos de crédito em um ambiente deteriorado.

Esta performance superior resulta de uma combinação estratégica de *due diligence* tecnológica avançada, utilizando ferramentas como o Agro Score desenvolvido pela Serasa Experian para monitoramento contínuo do status creditício dos devedores, e da Traive, plataforma de monitoramento de dados que vão desde a produtividade de fazendas em garantias, quanto processos judiciais e dívidas ativas de devedores, permitindo identificação precoce de sinais de deterioração e implementação de medidas mitigatórias antes que problemas se materializem.

A estruturação da carteira privilegia títulos com perfil high grade, priorizando a segurança sobre yields mais agressivos. Esta abordagem proporciona previsibilidade de fluxo de caixa e menor exposição a volatilidades, elementos cruciais em um ambiente de incertezas crescentes.

O contexto macroeconômico atual, embora desafiador, revela a resiliência notável do agronegócio brasileiro, que registrou crescimento de 12,2% no primeiro trimestre de 2025, impulsionado por condições climáticas favoráveis e safra recorde estimada em 332,9 milhões de toneladas. O Valor Bruto da Produção (VBP) está projetado em R$ 1,43 trilhão para 2025, representando crescimento de 7,4% em relação ao ano anterior, demonstrando a capacidade adaptativa do setor mesmo em contexto de pressões inflacionárias e juros elevados. As exportações do agronegócio atingiram US$ 164,4 bilhões em 2024, consolidando o segundo maior valor da série histórica e evidenciando a competitividade internacional do agro brasileiro.

Segundo dados da CNA e IBGE, respectivamente, as projeções para o setor apontam crescimento do PIB do agronegócio entre 5% e 6,5% para 2025, suportado pela demanda global por alimentos e biocombustíveis. Esse cenário abre oportunidades para oferecer crédito a players com histórico sólido e boa capacidade creditícia, porém com spreads mais elevados, permitindo uma relação risco-retorno mais atraente. O SNAG11 deve iniciar nos próximos meses um movimento de diversificação de portfólio, buscando em seu pipeline ativos que incorporem esse aspecto de crédito diferenciado, alinhado à estratégia de maximizar retornos ajustados por risco e ampliar a resiliência da carteira em ciclos futuros.

A Suno Asset, através do SNAG11, tem demonstrado capacidade excepcional de navegação em cenários complexos, mantendo performance consistente mesmo em períodos de *stress* setorial, posicionando o fundo favoravelmente para capturar essas oportunidades futuras através da combinação de metodologia rigorosa de análise de crédito, diversificação geográfica inteligente e monitoramento tecnológico avançado que assegura a manutenção da qualidade da carteira em todos os ciclos econômicos.

Tabela de Sensibilidade

Cotação	Spread (CDI+) Bruto	Spread (-) Tx Adm
R$ 9,57	4,02%	3,26%
R$ 9,62	**3,92%**	**3,16%**
R$ 9,67	3,82%	3,06%
R$ 9,72	3,72%	2,96%
R$ 9,77	3,62%	2,86%
R$ 9,82	3,52%	2,76%
R$ 9,87	3,42%	2,66%
R$ 9,92	3,32%	2,56%
R$ 9,97	3,22%	2,46%
R$ 10,02	3,12%	2,36%
R$ 10,07	3,02%	2,26%
R$ 10,12	2,92%	2,16%
R$ 10,17	2,82%	2,06%
R$ 10,22	2,72%	1,96%
R$ 10,27	2,62%	1,86%
R$ 10,32	**2,52%**	**1,76%**
R$ 10,37	2,42%	1,66%
R$ 10,42	2,32%	1,56%
R$ 10,47	2,22%	1,46%
R$ 10,52	2,12%	1,36%

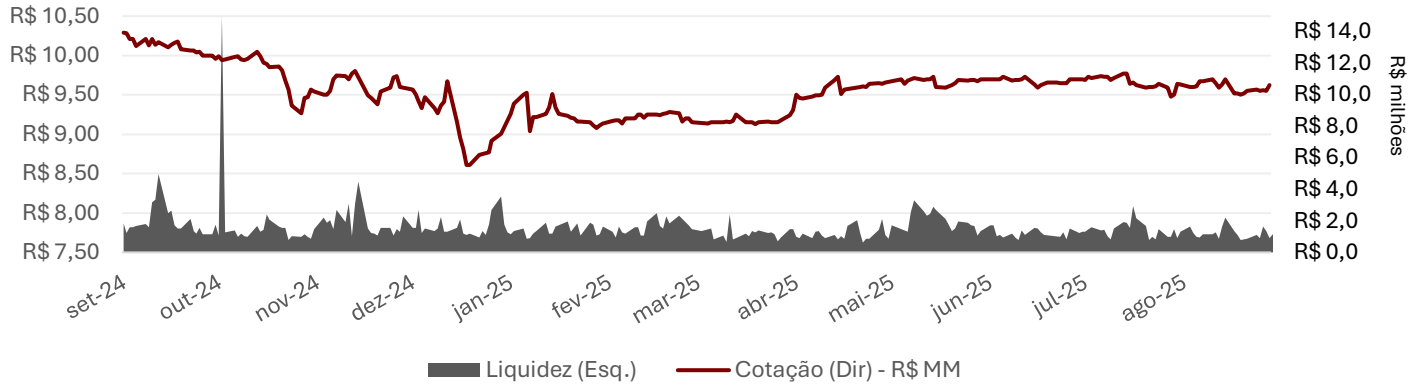
Cota a Mercado: Cota Patrimonial:

** Cota a mercado (31/08)*

Equipe de Gestão, **SUNO ASSET**

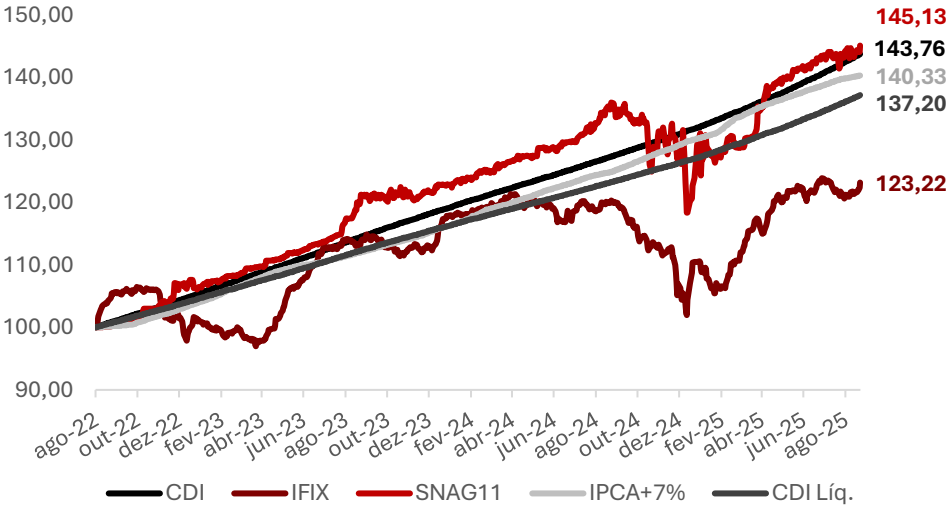
PERFORMANCE/DESEMPENHO

Cotação e Liquidez



Fonte: Quantum | Elaboração: Suno Asset.

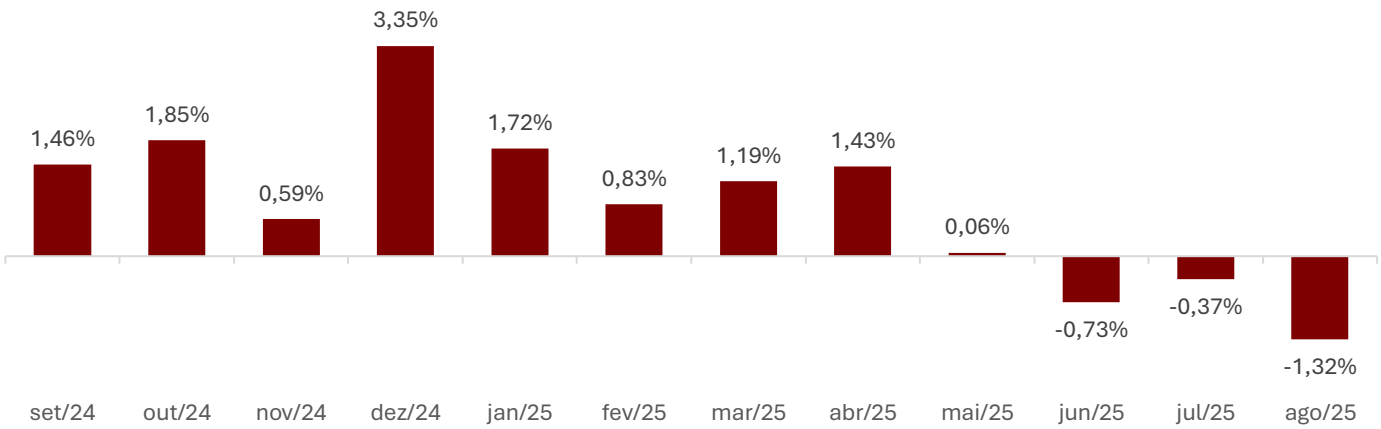
Performance SNAG x Indexadores



Performance desde o Início (%)	
SNAG11	**45,13**
CDI	43,76
IFIX	23,22
IPCA	14,31
IPCA + Yield IMA-B	38,35
IPCA+7%	40,33
CDI Líq.	37,20

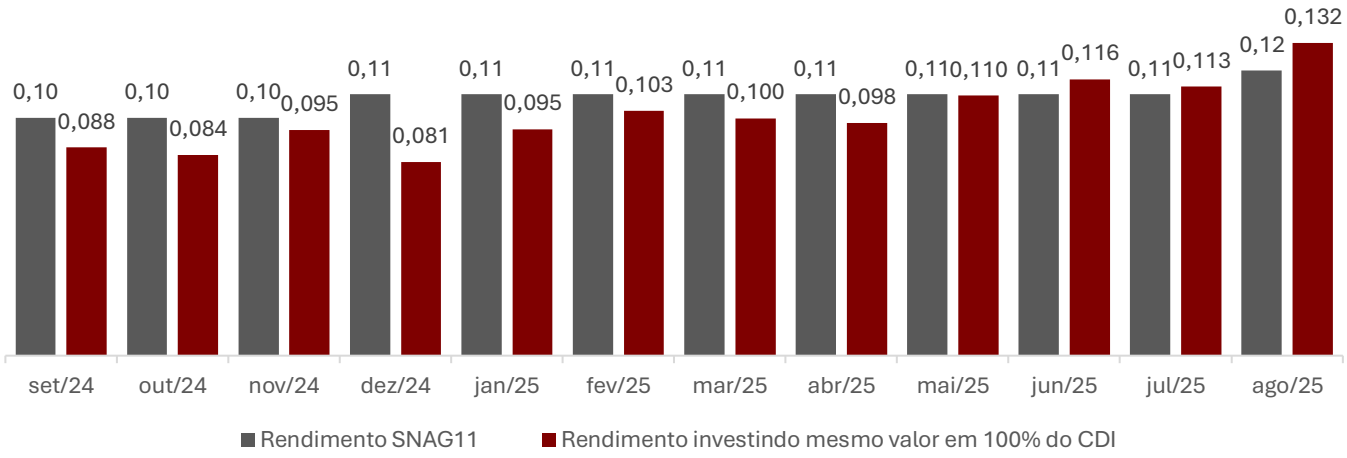
Fonte: Quantum | Elaboração: Suno Asset

Rendimento SNAG11 em função do CDI+*



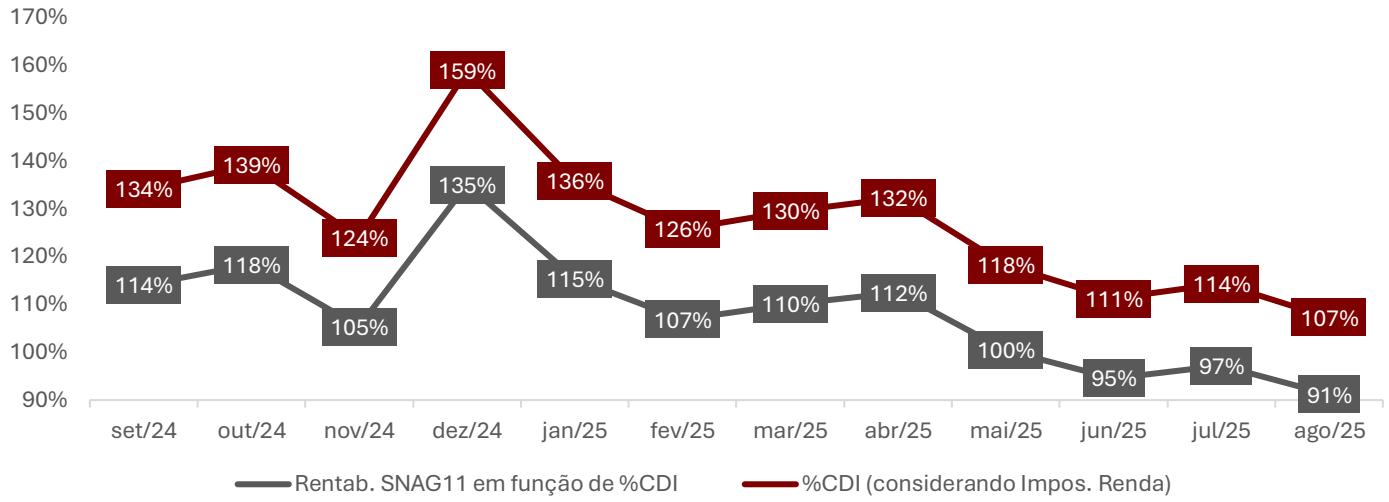
*Distribuição versus CDI acumulado do mês anterior

Histórico de Rentabilidade SNAG11 x CDI*



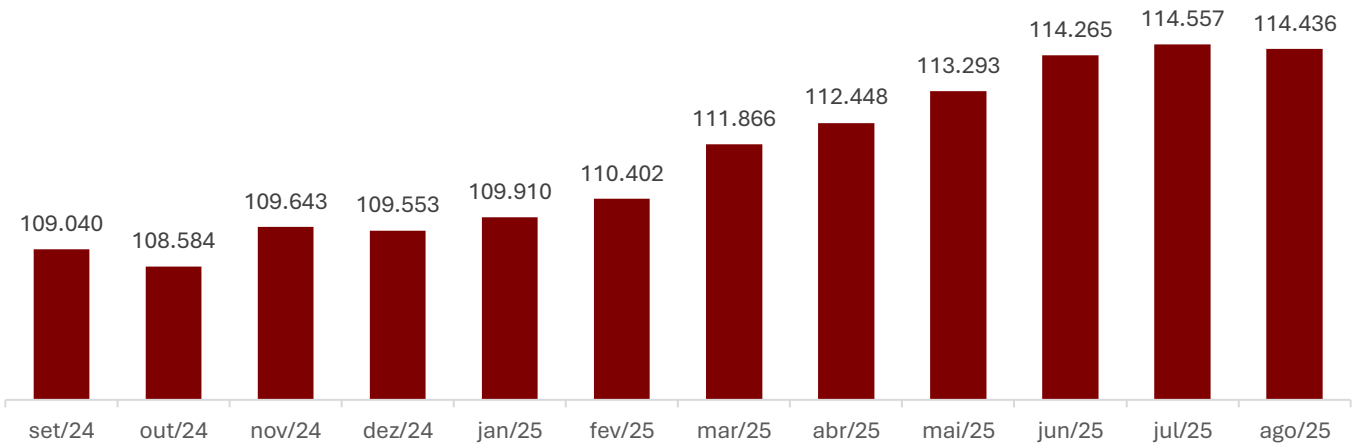
Elaboração: Suno Asset.

Rendimento SNAG11 em função de % CDI*



Elaboração: Suno Asset

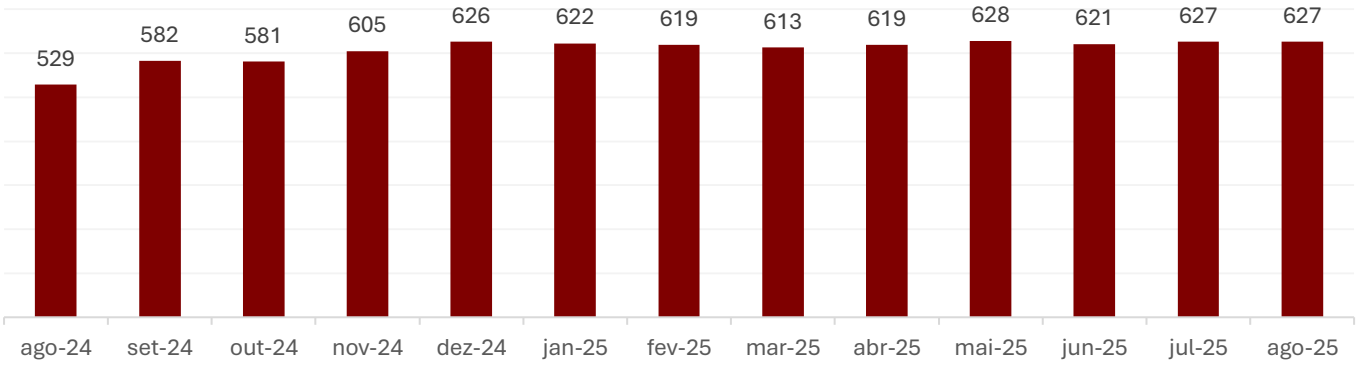
Número de Cotistas



*Distribuição versus CDI acumulado do mês anterior

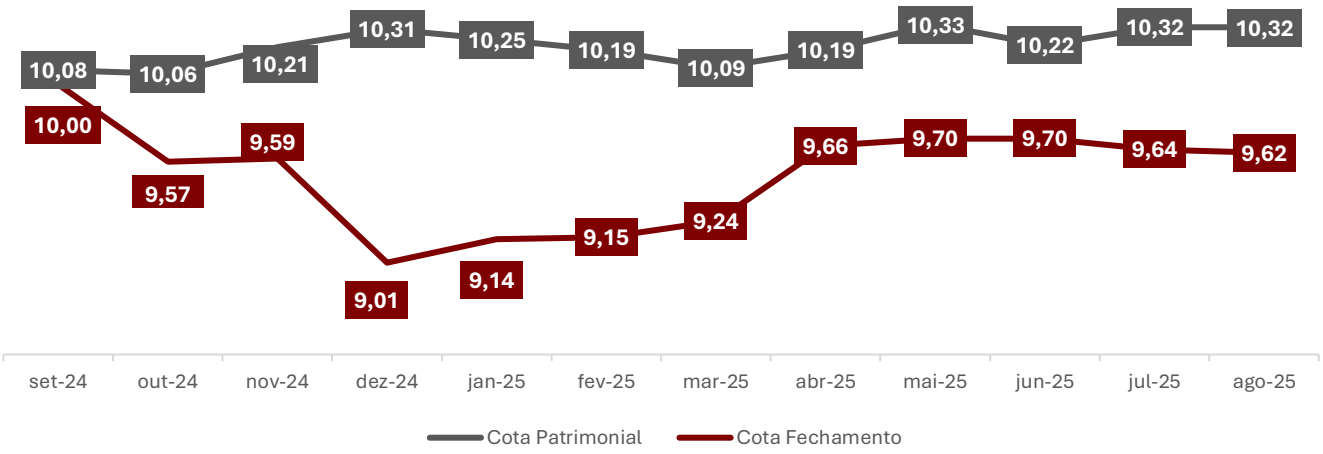
Elaboração: Suno Asset.

Patrimônio Líquido



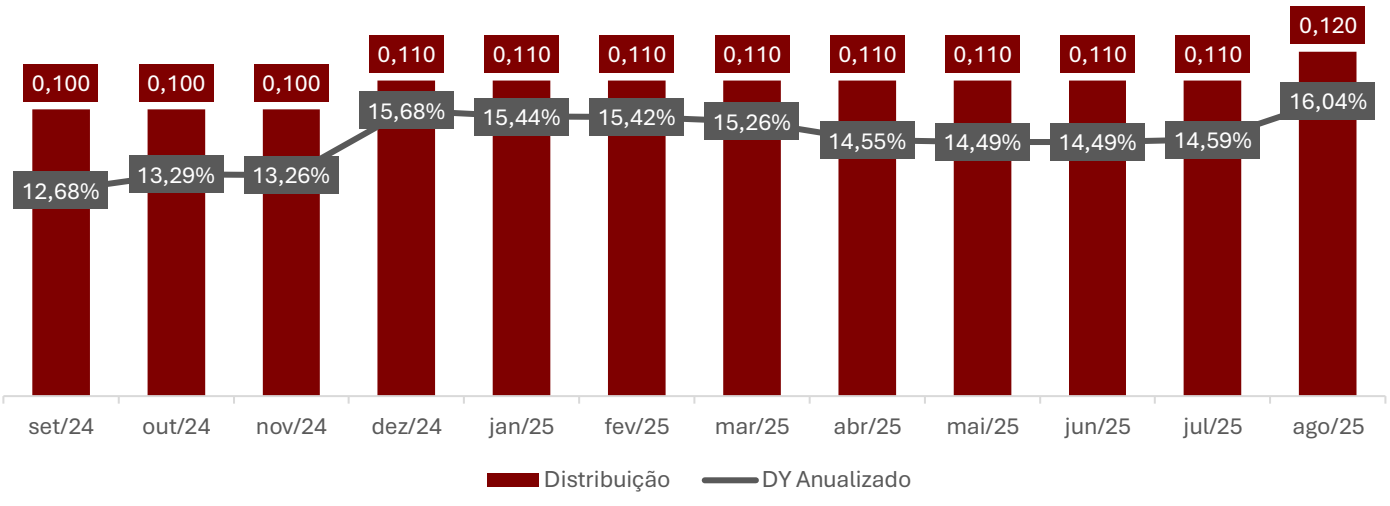
Elaboração: Suno Asset.

Cota Patrimonial x Cota Mercado (em R$)



Elaboração: Suno Asset.

Distribuição e DY Anualizado (%)



Elaboração: Suno Asset

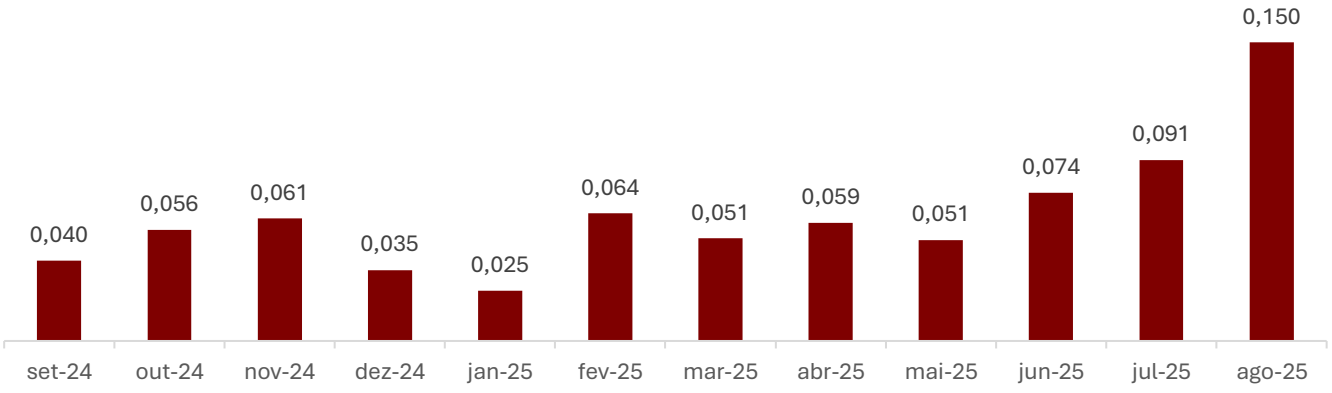
RESULTADO

MÊS	JUN-25	JUL-25	AGO-25	*LTM*	2025
1. RECEITA DISTRIBUÍVEL	**R$ 8.739.870,05**	**R$ 7.741.171,22**	**R$ 11.422.867,52**	**R$ 91.041.280,71**	**R$ 65.280.934,57**
1.a. Juros (CRA)	R$ 7.854.139,42	R$ 7.118.468,60	R$ 10.658.743,77	R$ 82.303.818,65	R$ 60.953.113,81
1.b. Correção Monetária (CRA)	R$ 0,00	R$ 0,00	R$ 0,00	R$ 0,00	R$ 0,00
1.c. Renda Fiagros	R$ 57.434,78	R$ 115.552,90	R$ 107.017,20	R$ 750.738,90	R$ 551.753,92
1.d. Renda Aluguéis	R$ 776.032,12	R$ 408.861,21	R$ 408.861,21	R$ 4.697.883,03	R$ 3.145.818,78
1.e. Aplicação Caixa	R$ 62.577,01	R$ 91.347,50	R$ 200.155,23	R$ 1.292.104,84	R$ 608.979,92
1.f. Movimentação de Ativos	-R$ 10.313,28	R$ 6.941,01	R$ 48.090,11	R$ 1.996.735,29	R$ 21.268,14
2. DESPESAS	-R$ 622.035,75	-R$ 466.560,96	-R$ 554.998,73	-R$ 6.045.300,77	-R$ 3.709.354,77
2.a. Despesas do Fundo	-R$ 481.215,55	-R$ 458.811,96	-R$ 529.855,73	-R$ 5.467.911,38	-R$ 3.280.341,21
2.b. Despesas não recorrentes	-R$ 140.820,20	-R$ 7.749,00	-R$ 25.143,00	-R$ 568.019,79	-R$ 419.643,96
3.RESERVA DE LUCROS	**R$ 3.069.046,42**	**R$ 4.505.441,88**	**R$ 5.501.852,90**	**N/A**	**N/A**
4. (=) RESULTADO FINAL	**R$ 11.186.880,71**	**R$ 11.780.052,15**	**R$ 16.369.721,69**	**N/A**	**N/A**
4.a. Resultado Não Distribuído	R$ 4.505.441,88	R$ 5.098.613,32	R$ 9.080.879,32	N/A	N/A
5. (=) RENDIMENTO DISTRIBUÍDO	**R$ 6.681.438,83**	**R$ 6.681.438,83**	**R$ 7.288.842,37**	**R$ 77.706.685,85**	**R$ 54.058.914,24**
5.a. Distribuição – SNAG11	R$ 6.681.438,83	R$ 6.681.438,83	R$ 7.288.842,37	R$ 77.706.685,85	R$ 54.058.914,24
5.b. Rendimento/Cota (R$/ cota) – SNAG11	R$ 0,11	R$ 0,11	R$ 0,12	R$ 1,30	R$ 0,89

***Considera-se como resultado final a soma das linhas (1) "Receitas", (2) "Despesas" e (3) "Reserva de Lucros".**

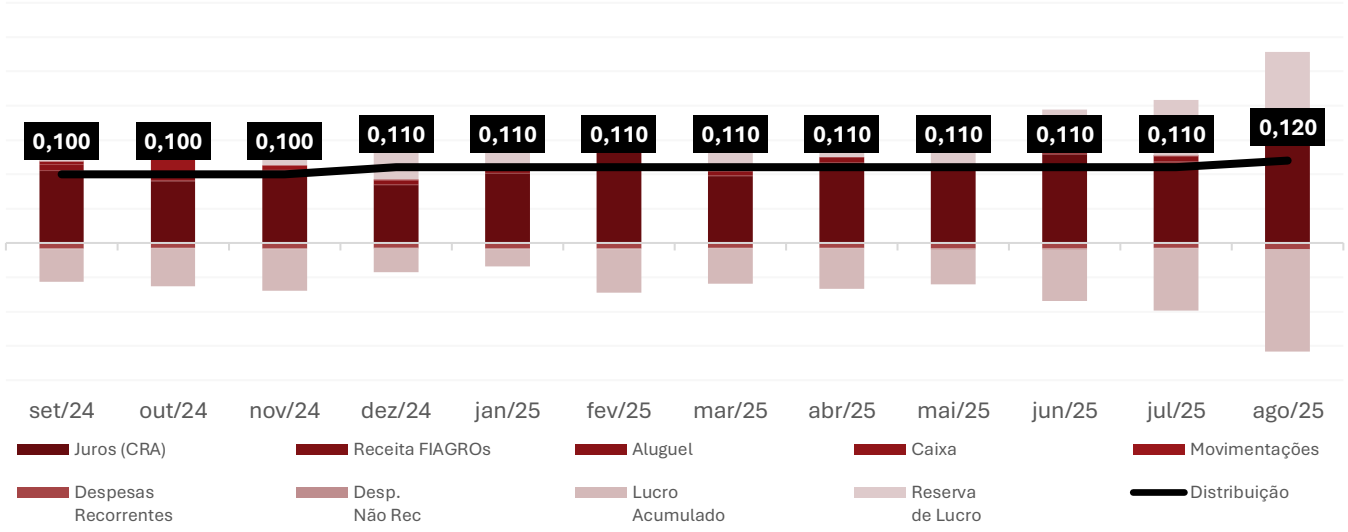
Fonte: Singulare | Elaboração: Suno Asset.

Lucro Acumulado (R$/Cota)



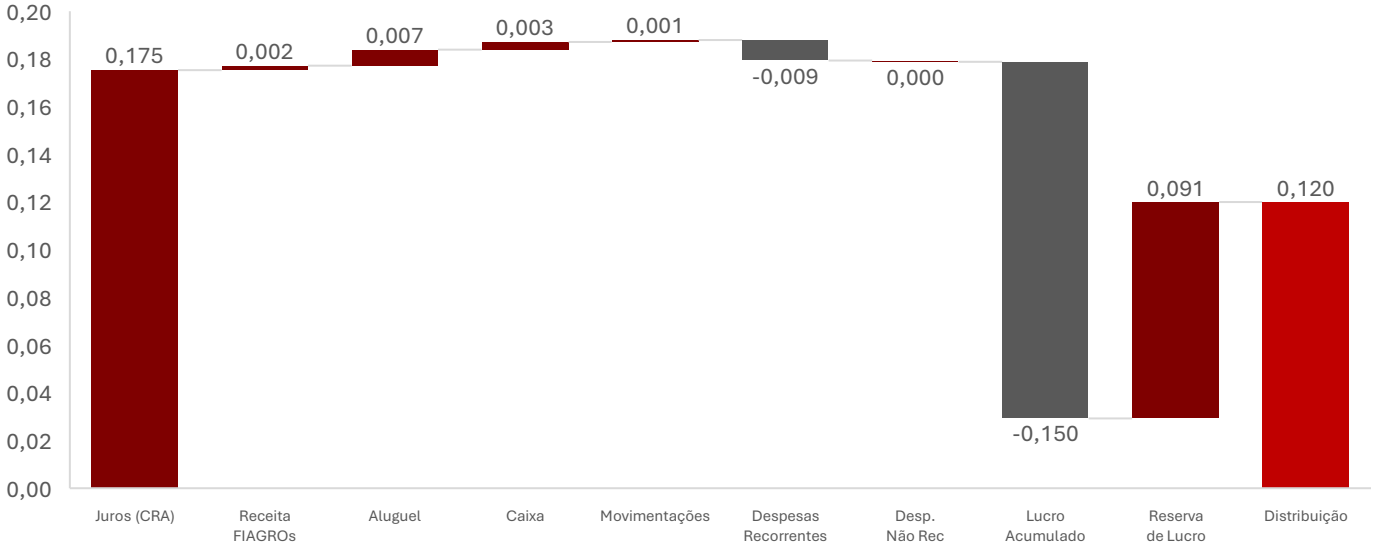
Elaboração: Suno Asset.

Resultado SNAG11



Elaboração: Suno Asset.

Resultado Mensal Detalhado (R$/cota)



Elaboração: Suno Asset.

ALOCAÇÕES E MOVIMENTAÇÕES

R$ 626,699 MM
Patrimônio Líquido do Fundo

264
Número de devedores na carteira

9,4% | R$ 50,27 MM
Yield médio em IPCA + Posição Financeira

CDI + 3,69% | 4,84 | R$ 535,04 MM
CRAs a CDI + Duration + Posição Financeira

R$ 26,59 MM (4,24% do PL)
Caixa no Fechamento

17,59%
Yield médio ponderado All In dos CRAs

9,4% + Variação Positiva IPCA
Cap Rate dos imóveis

Julho
Mês de reajuste dos aluguéis

CARTEIRA DE CRÉDITO

Identificação	Perfil de risco	Código IF	Setor	Rating	Index	Yield	Duration (anos)	Vol SNAG	% PL	LTV	Recorrência
CRA PULVERIZADO BOA SAFRA	Pulverizado	CRA02200815	Revendas e Produtores	A2	CDI	3,00%	5,96	R$ 327,39	52,25%	N/A	Mensal
CRA RUIZ COFFEES	Corporativo	CRA02300O2P	Café	A1	CDI	4,50%	3,92	R$ 52,85	8,43%	50%	Mensal
CRA LEITÍSSIMO	Corporativo	CRA0240093W	Laticínios	A2	CDI	5,00%	2,62	R$ 41,39	6,61%	45%	Mensal
CRA LEITÍSSIMO 2	Corporativo	CRA0240093W	Laticínios	A2	CDI	4,00%	3,17	R$ 15,15	2,42%	45%	Mensal
CRA SHULL	Corporativo	CRA0240086M	Híbridos	A3	CDI	3,52%	2,25	R$ 31,24	4,99%	N/A	Semestral
CRA CULTURA	Pulverizado	CRA02400ASY	Revendas e Produtores	A2	CDI	5,50%	3,54	R$ 54,25	8,66%	N/A	Mensal
BIG TRADE FIDC SÊNIOR	FIDC	N/A	Café	A3	CDI	4,00%	N/A	R$ 2,62	0,42%	N/A	Mensal
BIG TRADE FIDC MEZA	FIDC	N/A	Café	A3	CDI	7,50%	N/A	R$ 10,15	1,62%	N/A	Mensal
COMPROMISSADAS	Compromissada	N/A	N/A	N/A	CDI	0,35%	N/A	R$ 11,67	1,86%	N/A	Mensal

IMÓVEIS

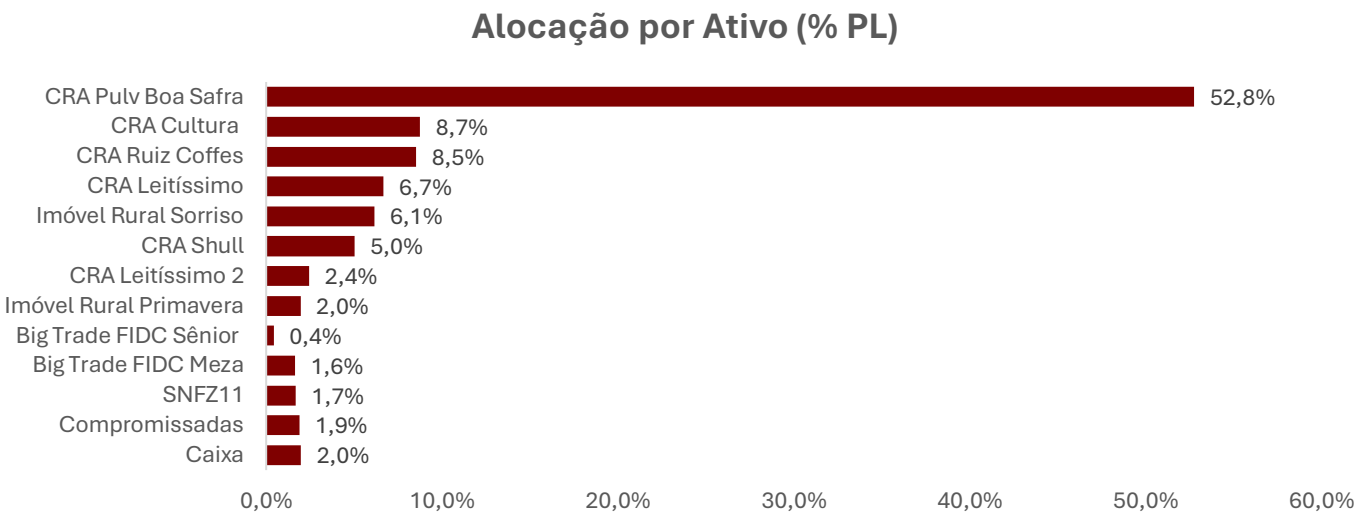
Identificação	Devedor	Setor	Rating	Index	Yield	Vencimento	Vol SNAG	% PL	Garantias	Recorrência
IMÓVEL RURAL SORRISO	Boa Safra Sementes S/A	Fornecedor/Soja	A3	IPCA	8,13%	10 anos	R$ 38,15	6,09%	Arrendamento Típico	Mensal
IMÓVEL RURAL PRIMAVERA	Boa Safra Sementes S/A	Fornecedor/Soja	A3	IPCA	8,13%	10 anos	R$ 12,12	1,93%	Arrendamento Típico	Mensal

FIAGROs

Identificação	CNPJ	Setor	Qtde. Cotas	Cotação	DY (%)	P/VP	Vol SNAG	% PL	% de Caixa	Preço Médio de Aquisição
SNFZ11	53.313.475/0001-02	Híbrido	1.070.172	R$ 9,75	12,10%	0,97	R$ 10,43	1,67%	1,36%	R$ 9,78

Elaboração: Suno Asset.

ALOCAÇÕES



Elaboração: Suno Asset

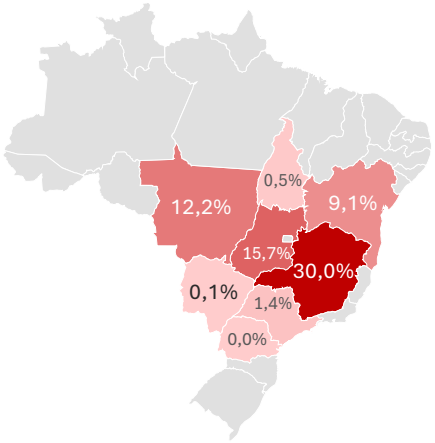
Exposição por Indexador (% PL)

Exposição por Rating (% PL)

Exposição por Setor (% do PL)

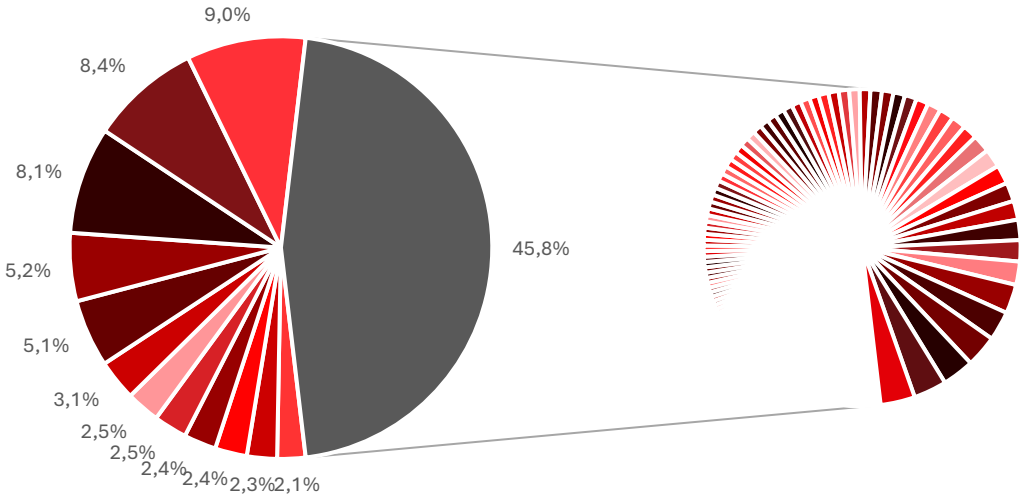
Exposição por Cadeias Produtivas (% PL)

Exposição por UF (% PL)



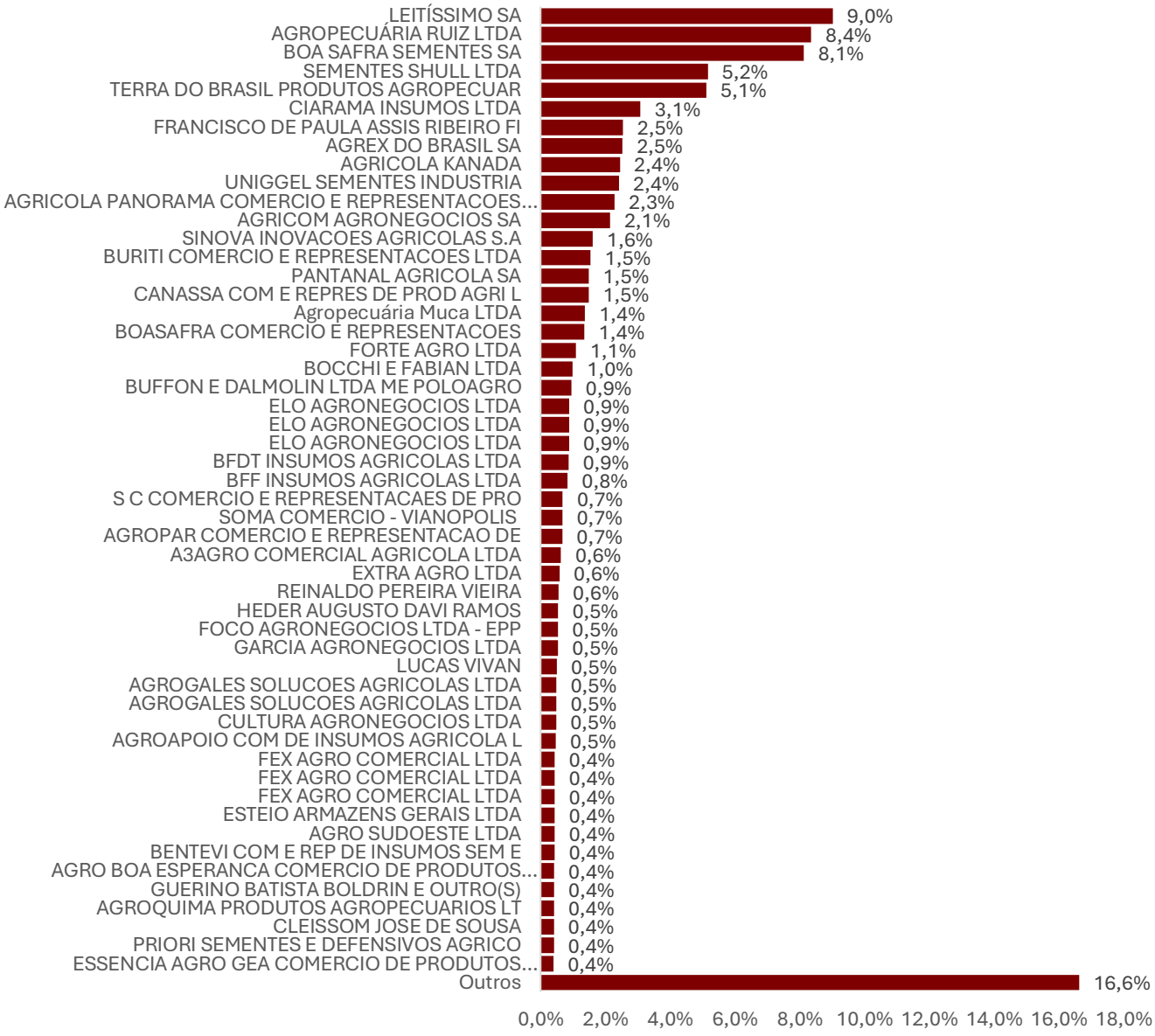
Elaboração: Suno Asset | Obs: o somatório dos gráficos não será necessariamente 100%, uma vez que Caixa e compromissadas não são considerados devedores do fundo.

Concentração por Devedor (% PL)



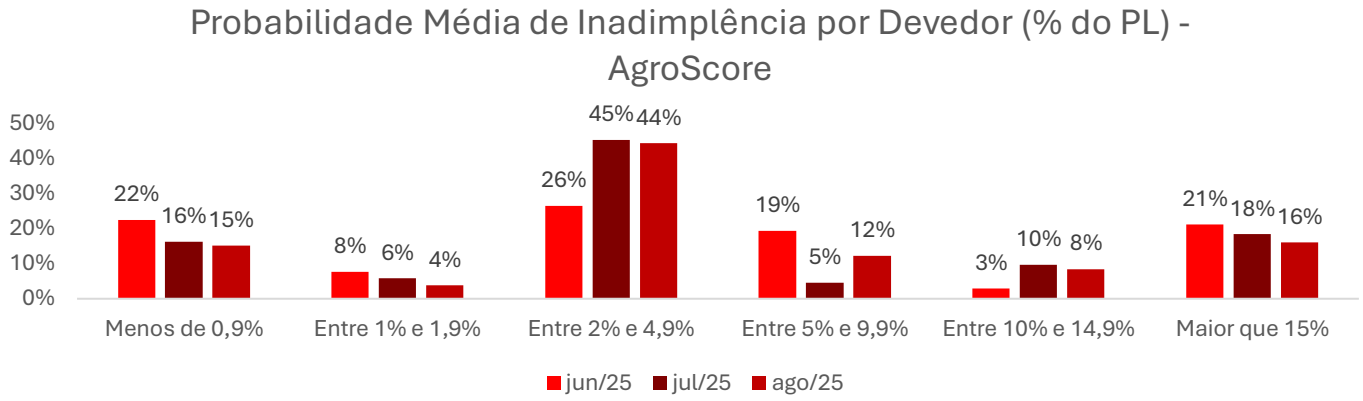
Média de 0,34% por devedor

Devedores (% do PL)



AVALIAÇÃO DE RISCO DE CRÉDITO

A Suno Asset tem o compromisso e o dever de proporcionar total transparência a seus cotistas com relação aos riscos envolvidos em seus fundos, não sendo diferente na operação do Fiagro SNAG11. Diante disso, a Suno Asset compôs este relatório, utilizando os Scores da Serasa Experian para a melhor descrição dos riscos de crédito relativos aos recebíveis securitizados do SNAG11.



O Agro Score PF da Serasa Experian é um modelo estatístico que estima o risco de inadimplência de produtores rurais pessoa física para atrasos de pelo menos 90 dias em um horizonte de 12 meses após a análise. Diferente de outros Scores de pessoa física, o Agro Score PF foi desenvolvido apenas com uma população relacionada ao ambiente rural, seja por ter obtido financiamento rural ou agroindustrial no Cadastro Positivo dos Bancos ou por possuir cadastro de propriedades rurais. A inadimplência é analisada levando em conta apenas o comportamento de pagamento em relação a setores que financiam ou impactam diretamente a produção agropecuária como bancos, cooperativas de crédito e cadeia do agronegócio (indústria de produção, revendedores de insumos ou de máquinas agrícolas, agroindústria de transformação, comércio atacadista de produtos agropecuários, serviços de apoio à agropecuária) além de outros serviços essenciais para o segmento como transporte e logística, armazéns e seguros não-vida.

Já o Agro Score PJ é um modelo estatístico que estima o risco de inadimplência, num horizonte de 18 meses, de empresas da cadeia do agronegócio, incluindo produtores rurais, para atrasos que atingem pelo menos 180 dias. Diferente de outros Scores de pessoa jurídica, o Agro Score PJ foi desenvolvido apenas com empresas que possuem códigos de atividade econômica da cadeia do agronegócio, possibilitando que o modelo faça previsões incorporando as informações do maior ecossistema de big data da América Latina de diferentes formas para cada um dos segmentos do agronegócio.

Com base nisso, apresentamos ao lado a análise de probabilidade de inadimplência atualizada da carteira do SNAG11, incluindo todos os devedores presentes no portfólio do fundo.

Fonte: Serasa Experian | Elaboração: Suno Asset

ASSEMBLEIAS E COMUNICADOS DOS ATIVOS

Ativo	Data	Ordem do dia	Deliberação
CRA Boa Safra	27/08/25	(i) a retificação das deliberações da "Assembleia Geral de Titulares dos Certificados de Recebíveis do Agronegócio da 106ª Emissão da Virgo Companhia de Securitização, realizada em 30 de abril de 2025" ("AGT de 30/04/2025"), a qual aprovou a concessão de waiver (perdão temporário) pelo prazo de 120 (cento e vinte) dias ("Prazo Waiver Transferência"), no sentido de estender tal Prazo Waiver Transferência para a data específica de 29 de setembro de 2025 ("Prazo Waiver Transferência Estendido"); (ii) a ratificação das demais deliberações tomadas na AGT de 30/04/2025 que não tiverem sido expressamente retificadas nesta Assembleia. (iii) autorizar o Agente Fiduciário para, em conjunto com a Emissora, realizar e celebrar todos e quaisquer documentos que se façam necessários para implementar o que fora deliberado no item acima.	Todas as matérias aprovadas

DETALHAMENTO DOS ATIVOS

CRA BOA SAFRA

Ticker: CRA02200815

Setor: Sementes

Remuneração: CDI + 3,00%

Lastro: CPR & CVVs

Vencimento: Mai/42

% PL SNAG11: 54,7%

Descrição da Operação

Os recursos desse CRA são destinados aos produtores parceiros do grupo Boa Safra. O lastro do CRA pertence à carteira de clientes da empresa, que são produtores que utilizam as sementes de alta qualidade de soja e atuam há anos com a Boa Safra, sendo parceiros de negócios. A Avaliação de Crédito Independente atua mensurando exatamente o risco individual dos produtores que compõem o CRA.

Informações do CRA	2025
Nº de Devedores	88
Coobrigação Boa Safra	10% do SD do CRA
Data de Emissão	Maio/22
% Inadimplência	0,0%
Perfil de Devedor	Pulverizado

CRA Ruizz Coffeess

Ticker: CRA02300O2P

Setor: Café

Remuneração: CDI + 4,50%

Garantias: AF, CF e Aval

Vencimento: Out/33

% PL SNAG11: 7,9%

Descrição da Operação

A Ruiz Coffees Brasil se destaca como uma das principais produtoras globais de café especiais, conquistando reconhecimento internacional por meio de um meticuloso processo de asseguramento de qualidade, que abrange desde o cultivo e colheita, até a criteriosa seleção dos melhores grãos, culminando na fase de torrefação. Todo esse processo é conduzido nas propriedades rurais próprias da empresa.

Informações do CRA	2025
Estado (UF)	Minas Gerais (MG)
LTV	50%
Data de Emissão	Out/23
Rating Interno	A1
Perfil de Devedor	Corporativo/Produtor

CRA Leitíssimo I

Ticker: CRA02300K2A

Setor: Laticínios

Remuneração: CDI + 5,00%

Garantias: AF de Terras

Vencimento: Set/29

% PL SNAG11: 6,7%

Descrição da Operação

A Leitíssimo é uma empresa brasileira que fabrica e vende leite longa vida do tipo UHT e outros derivados do leite. A empresa foi fundada em 2001, e tem sede em Jaborandi, na Bahia, onde fica a Fábrica Leite Verde, local em que é produzido o leite comercializado pela Leitíssimo.

Informações do CRA	2025
Estado (UF)	Bahia (BA)
LTV	45%
Data de Emissão	Set/23
Rating Interno	A2
Perfil de Devedor	Corporativo

CRA Leitíssimo II

Ticker: CRA0240093W

Setor: Laticínios

Remuneração: CDI + 4,00%

Garantias: AF de Terras, AF de Animais e Aval

Vencimento: Set/30

% PL SNAG11: 2,4%

Descrição da Operação

A Leitíssimo é uma empresa brasileira que fabrica e vende leite longa vida do tipo UHT e outros derivados do leite. A empresa foi fundada em 2001, e tem sede em Jaborandi, na Bahia, onde fica a Fábrica Leite Verde, local em que é produzido o leite comercializado pela Leitíssimo.

Informações do CRA	2025
Estado (UF)	Bahia (BA)
LTV	55%
Data de Emissão	Set/24
Rating Interno	A2
Perfil de Devedor	Corporativo

CRA Shull

Ticker: CRA0240086M

Setor: Híbridos

Remuneração: CDI + 3,52%

Garantias: AF, CF e Aval

Vencimento: Set/28

% PL SNAG11: 5,2%

Descrição da Operação

A Shull Sementes LTDA. É uma empresa 100% brasileira, que produz híbridos de milho e sorgo para produtores de todo o país. Seu produto possui uma tecnologia embutida de alto valor, que atua diretamente no incremento da produtividade, resistência e qualidade das sementes. A empresa busca atender diretamente uma demanda reprimida de um nicho de mercado que é concentrado por grandes players, e a partir de forte know-how técnico e comercial dos sócios, atender aos mais diversos clientes.

Informações do CRA	2025
Estado (UF)	Diversos
Recorrência de Juros	Semestral
Data de Emissão	Set/24
Rating Interno	A3
Perfil de Devedor	Corporativo

CRA CULTURA

Ticker: CRA02400ASY

Setor: Revendas e Produtores

Remuneração: CDI + 5,50%

Garantias: CF e Seguro de Crédito

Vencimento: nov/29

% PL SNAG11: 9,0%

Descrição da Operação

CRA pulverizado que tem como objetivo financiar os clientes da Cultura Agromais, distribuidora de insumos que está no mercado a 19 anos, atendendo principalmente produtoes de soja, milho e café no triângulo mineiro e sudoeste de Minas Gerais. A carteira de recebíveis da Cultura é auditada pela KPMG e possui histórico saudável de adimplência. Além disso, o CRA conta com seguro de crédito para todos os sacados pela AVLA Seguros, presente em diversos países da América do Sul e EUA.

Informações do CRA	2025
Estado (UF)	Minas Gerais
Nº de Devedores	156
Data de Emissão	Nov/24
Seguradora	AVLA Seguros
Perfil de Devedor	Pulverizado

FIDC BIGTRADE CAFE11

Ticker: CAFE11

Setor: CAFE11

Remuneração: CDI + 4,85%

Subordinação: 33%

Vencimento: N/A

% PL SNAG11: 3,2%

Descrição da Operação

FIDC gerido pela Suno Asset com parceria com a Big Trade. Seu principal objetivo é investir em CPRs de produtores de café. A Big Trade, uma fintech agrícola, utiliza inteligência artificial para ampliar o crédito para produtores rurais, buscando mitigar o risco dos investidores por meio da análise de dados relacionados aos produtores e às propriedades. É importante notar que o SNAG11, devido a questões regulatórias, não pode investir diretamente em CPRs, então a utilização do FIDC é necessária.

Informações do FIDC	2023
Estado (UF)	Minas Gerais
Nº de Devedores	43
Remuneração Sênior	CDI + 4,00%
Remuneração Mezanino	CDI + 7,5%
Perfil de Devedor	Produtores de Café

SNFZ11

Ticker: CRA02300K2A

Setor: Terras

DY (%): 7,5%

P/VP: 1,00

Preço Médio: R$ 9,85

% PL SNAG11: 1,4%

Descrição da Operação

O SNFZ11 foi criado com o objetivo de investir na cadeia produtiva do agronegócio brasileiro, priorizando o ganho de capital através da valorização de fazendas e geração de renda por operações de arrendamento e crédito. O fundo atualmente conta com um ativo real descontado, e conta com um CRA elaborado para financiar a irrigação da Fazenda Coliseu, localizada em região privilegiada e com potencial de infraestrutura.

Informações do Fundo	Jan/25
Ativos	2
Preço da Cota	R$ 9,88
PL	R$ 61,9 MM
Localização da Fazenda	Gaúcha do Norte/MT
Operadora da Fazenda	Jequitibá Agro

IMÓVEL RURAL PRIMAVERA

Uso: UBS

Operação: Arrendamento Típico

Valor do Imóvel: R$ 12,12 MM

Devedor Arrendamento: Boa Safra

% PL SNAG11: 1,9%

Descrição da Operação

Aluguel de unidade de beneficiamento de sementes. Um imóvel rural com localização privilegiada na Rodovia MT-130, próximo à FS Bioenergia, ligando as cidades de Primavera do Leste (MT) a Paranatinga (MT), conhecidas por serem referências agrícolas no sudeste do estado.

IMÓVEL SORRISO

Uso: CD

Operação: Arrendamento Típico

Valor do Imóvel: R$ 38,15 MM

Devedor: Boa Safra

Prazo Contrato: 10 anos

% PL SNAG11: 6,7%

Descrição da Operação

Aluguel do Centro de Distribuição em Sorriso (MT). Fazenda localizada às margens da BR-163 em Sorriso (MT), rodovia que liga Cuiabá (MT), Sorriso (MT) e Sinop (MT) aos portos de Itaituba (PA) e de Santarém (PA), considerado um ponto estratégico de escoamento de grãos para o exterior e principais portos da região.

CONHEÇA TODOS OS NOSSOS FUNDOS DE INVESTIMENTO

SNAG11

Primeiro Fiagro-Híbrido da bolsa brasileira, lançado ao mercado em agosto de 2022. Investe em terras logísticas voltadas ao agronegócio e ativos de crédito para o setor.

SNEL11

SUNO ENERGIAS LIMPAS FII é o Fundo Imobiliário da Suno Asset que investe em Energias Limpas e Renováveis, sendo uma maneira inovadora e democrática para o investidor comum ter acesso a uma tese que, além de extremamente lucrativa, gera impacto positivo para a sociedade.

SNFZ11

Fiagro-FII voltado para investimentos em terras agrícolas da Suno Asset. O primeiro fundo base 10 e voltado para investidor geral com uma das teses de investimento mais vencedoras do país, oferecendo acessibilidade a um setor resiliente, dolarizado e descorrelacionado com os diversos índices.

SNID11

FI-Infra da Suno Asset. Devido à sua importância para o desenvolvimento do país, esta classe possui isenção completa de IR nos rendimentos e no ganho de capital.

SNCI11

Fundo de Papel de risco moderado. Sua principal característica é entregar retornos consistentes aos cotistas, com rendimentos comparados a fundos de alto risco.

SNME11

Fundo imobiliário multiestratégia da Suno Asset, com foco no investimento em diversos tipos de ativos imobiliários, como CRIs, FIIs, ações e imóveis. A partir de uma tese sofisticada, buscamos entregar geração de renda mensal e rentabilidade acima da inflação.

SNFF11

Fundo de Fundos que investe em mais de 30 outros FIIs da bolsa e em centenas de ativos imobiliários por todo o país. Uma maneira descomplicada de aplicar no setor.

SUNO PREV

Fundo de Previdência Privada que investe em ações, com exposição muito similar ao SUNO FIC FIA. Conta com os benefícios tributários de uma Previdência, investindo em ativos de risco.

SUNO FIC FIA

Fundo de Investimento em Ações que utiliza como referência as carteiras recomendadas da Suno Research. Exposição em ativos de Valor, Dividendos, Small Caps e Internacional.

SUNO GLOBAL EQUITIES

Fundo de Investimento em Ações, com exposição em ações globais listadas no Brasil ou nos Estados Unidos. Investe nas maiores empresas do mundo.

SNAG11

SUNO AGRO - FIAGRO IMOBILIÁRIO

Aviso/Disclaimer:

"Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. É recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e do regulamento do fundo de investimento pelo investidor ao aplicar seus recursos. Os investidores devem estar preparados para aceitar os riscos inerentes aos diversos mercados em que os fundos de investimento atuam e, consequentemente, possíveis variações no patrimônio investido. O Administrador não se responsabiliza por erros ou omissões neste material, bem como pelo uso das informações nele contidas. Adicionalmente, o Administrador não se responsabiliza por decisões dos investidores acerca do tema contido neste material nem por ato ou fato de profissionais e especialistas por ele consultados.

Este material não tem relação com objetivos específicos de investimentos, situação financeira ou necessidade particular de qualquer destinatário específico, não devendo servir como única fonte de informações no processo decisório do investidor, que, antes de decidir, deverá realizar, preferencialmente com a ajuda de um profissional devidamente qualificado, uma avaliação minuciosa do produto e respectivos riscos face a seus objetivos pessoais e a sua tolerância ao risco (Suitability).

A Suno Gestora de Recursos Ltda. ("Suno Asset") é gestora do(s) fundo(s) objeto(s) deste material e pertence ao grupo empresarial Suno ("Grupo Suno"), o qual contempla também as empresas Suno Research, Suno Índices e Suno Consultoria. As empresas, ainda que parte do Grupo Suno, possuem estruturas segregadas e autônomas."